

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. O SANTUÁRIO ROMANO, CAMPESTRE, DE MIRÓBRIGA DOS CÉLTICOS.

ALMEIDA, Fernando de

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de, Conferência. O santuário romano, campestre, de Miróbriga dos célticos. *Revista de Guimarães*, 78 (1-2) Jan.-Jun. 1968, p. 89-96.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferência

Em 25 de Maio teve lugar na Sociedade Martins Sarmiento uma brilhante Conferência pelo Sr. Dr. D. Fernando de Almeida, Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, que descreveu o Santuário campestre de Miróbriga dos Célticos, onde aquele ilustre cientista tem realizado importantes escavações. A Conferência despertou vivo interesse na numerosa assistência que compareceu no Salão nobre da veneranda instituição cultural vimaranense, tendo presidido à Sessão o Snr. Presidente da Câmara Municipal, Eng.º João Mendes Ribeiro, convidando para a Mesa os Snrs. Reitor do Liceu Nacional, Dr. Fernando de Carvalho Conceição, e o Presidente da Sociedade, Coronel Mário Cardozo.

Aberta a Sessão, o Presidente da Instituição pronunciou as seguintes palavras:

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,
Senhor Reitor do Liceu,
Senhor Professor Dr. D. Fernando de Almeida,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Temos hoje, nesta Casa de Martins Sarmiento, o nosso ilustre Consócio e devotado colaborador da «Revista de Guimarães», Senhor Doutor D. Fernando de Almeida e Silva Saldanha, Médico pela Universidade de Lisboa, com nome prestigioso nos meios clínicos nacionais e estrangeiros, e com seus créditos firmados em numerosos e notáveis trabalhos apresentados em Congressos internacionais, especialmente sobre assuntos ligados à ginecologia e à obstetria.

Não é contudo neste sector profissional das suas fecundas actividades científicas que vamos ter a satisfação de o ouvir dis-

sertar hoje, nesta Instituição a que sua Ex.^a nos dá a honra de pertencer, porque nem esta Casa consagrada unicamente aos estudos arqueológicos e históricos, nem tão pouco o auditório que o veio escutar lhe ofereceriam o ambiente próprio para aqui nos falar dos altos problemas e extraordinários sucessos da medicina e da cirurgia contemporâneas.

Mas, licenciado igualmente há uns quinze anos em História e Filosofia pela Universidade Clássica de Lisboa, dedicou-se



O Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, fazendo o elogio do conferente, Snr. Prof. Dr. D. Fernando de Almeida.

também, com extraordinário afã e entusiasmo, aos problemas das nossas origens étnicas e da arqueologia portuguesa, alcançando rapidamente, pelas suas excepcionais faculdades de assimilação e de estudo, uma posição do maior destaque entre os investigadores consagrados a esta ordem de pesquisas científicas, que constituem também o labor desta nossa Instituição. E assim, o Senhor Doutor D. Fernando de Almeida ocupa actualmente, no campo das ciências históricas, os lugares proeminentes de: Professor de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Director do Museu Nacional de Arqueologia, Membro da Academia Portuguesa da História e Vogal da Subsecção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação.

Parece que o simples enunciado destes sectores culturais onde Sua Ex.^a, além da Medicina, desenvolve, com pronunciada elevação e reconhecida competência técnica, a sua actividade científica, nada mais seria necessário pôr em evidência acerca dos seus

méritos de investigador e de Professor, neste campo especial dos Estudos históricos e arqueológicos, pois, na verdade, para se ocupar simultaneamente tantos lugares de tamanha responsabilidade, é indispensável possuir os méritos invulgares de que Sua Ex.^a dispõe em tão alto grau. Reconhecidos esses méritos, foi há seis anos o ilustre estudioso galardoado com o valioso prémio de Arqueologia instituído pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela publicação da sua notável obra sobre «Arte Visigótica em Portugal».

Mas não só no domínio da especulação teórica e das funções docentes de catedrático se destaca a extraordinária actividade do Sr. Professor D. Fernando de Almeida, pois também no campo militante dos trabalhos práticos de prospecção e exploração arqueológica tem revelado o seu incansável esforço, em variadas e importantíssimas pesquisas, como sejam as realizadas em Idanha-a-Velha, a antiga *Egitânia*, publicando em 1956 um magnífico volume sobre essa histórica terra que foi sede episcopal na época visigoda; nas necrópoles romana e paleo-cristã de S. Miguel de Odrinhas; em Monsanto da Beira; e, finalmente, nas ruínas da velha cidade de *Miróbriga*, situadas num outeiro junto a Santiago de Cacém, acerca das quais publicou há quatro anos uma monografia intitulada «Miróbriga dos Célticos», notável e modelar pelo método da exposição descritiva e pelo rigor e acerto das conclusões. É desta famosa estação Arqueológica do distrito de Setúbal que o insigne Arqueólogo nos vai falar, mostrando-nos os preciosos vestígios que exumou da mortalha de terras que, no dobar dos séculos, a cobriram. Ouçamos a sua interessante lição.

Foi seguidamente concedida a palavra ao Snr. Professor D. Fernando de Almeida, que antes de dar início à sua Conferência, agradeceu as palavras do Presidente da Sociedade e acentuou quanto lhe era grato encontrar-se nesta Colectividade vimaranense, a primeira Sociedade de Arqueologia que o recebera como seu consócio. Aludindo ao Snr. Coronel Mário Cardozo, Presidente da Sociedade, dirigiu-lhe estas palavras elogiosas que na íntegra se transcrevem da notícia dada num semanário local: «Continuador de Martins Sarmento, pela sua actividade constante e erudita a que a idade não põe limites, pelo Museu que dirige, um dos melhores do País, e pela Revista que edita e sai regularmente, sem desfalecimento, duas vezes por ano, conhecida e estimada em todos os meios arqueológicos, — pode, sem dúvida, ser considerado na actualidade como o patrono da Arqueologia Nacional».

Entrando depois na matéria da Conferência, pronunciou a seguinte primorosa Lição, cujo resumo amavelmente concedeu para publicação nesta Revista:

O SANTUÁRIO ROMANO, CAMPESTRE, DE MIRÓBRIGA DOS CÉLTICOS

«Santuários houve-os sempre, desde que o homem existe; o santuário é um lugar destinado a prestar culto a uma ou mais divindades; se estiver situado fora de qualquer aglomerado populacional, chama-se «campestre».

Com a evolução dos tempos e a maior ou menor afluência de devotos, certos santuários passaram a ser urbanizados. É o caso, recente, de Fátima.

Dos santuários lusitanos alguns continuaram no tempo de Roma: Panoias, talhado na rocha pelos indígenas, nela estão gravadas inscrições romanas; S. Miguel da Mota, onde se prestou culto a Endovélico, divindade infernal, lusitana, e teve um templo romano depois transformado em capela dedicada a S. Miguel, acabou há umas dezenas de anos por ser arrasado, legando-nos mais de meio cento de aras romanas dedicadas à divindade.

A actual capela da Senhora do Almortão (Idanha-a-Nova) ao lado da qual apareceu uma ara romana dedicada a Igædus, divindade indígena, e onde ainda se veem e funcionam tinas para banhos rituais, com fins curativos, é mais um exemplo de santuário campestre.

Entre Alcácer do Sal e o Algarve, quase ao lado de Santiago do Cacém, há largas ruínas de uma povoação com todas as características de um santuário campestre, romano. Os grandes santuários desta época obedeciam a um plano de conjunto; além do lugar pròpriamente dedicado à divindade, à sua morada, o templo e construções anexas, havia balneários com suas latrinas, para uso dos peregrinos, e um edificio para distracções, geralmente um anfiteatro ou um teatro. As ruínas, acima referidas, devem corresponder a Miróbriga, chamada dos Céticos (Plínio, *N. H.*, IV, 117-8), para a distinguir de outras duas em Espanha: Ciudad Rodrigo e Capilla (Andaluzia). Nas ruínas de Miróbriga dos Céticos encontramos os três núcleos habituais dos santuários, romanos, campestres. Há uma colina, servida por uma via romana em parte ainda conservada; no cimo da colina

os restos do «podium» de um templo de planta rectangular. Dele se descia por uma escada de que há restos evidentes, para um largo patamar. Este patamar está sobranceiro a um vasto páteo, ao qual se liga por duas escadas laterais, a uma das quais só falta um degrau.

O páteo era revestido por largas placas quadradas, em mármore cinzento de S. Brissos (calcite), algumas ainda conservadas «in situ». Em volta, à direita e à esquerda, duas vastas construções; a da direita, tem uma grande sala, a da esquerda, além de uma série de pequenas salas, mostra um peristilo, com tanque central e uma edícula ao fundo.

As três paredes, do patamar e dos edifícios, eram revestidas por placas do mesmo mármore, fazendo lambrim, de que há restos evidentes. O quarto lado do páteo fica em frente do templo e abre-se sobre a larga planície alentejana.

No «podium» apareceu, há séculos, uma inscrição dedicada a Esculápio por um médico de Beja («*medicus pacensis*»): por isso chamamos a este templo de Esculápio. O frontão devia estar apoiado em duas colunas na parte central e duas colunas adossadas às paredes laterais. A cela estava toda aberta para o «pronaus». Destas colunas existem três, colocadas há anos à entrada do balneário romano, no vale; mas o antigo proprietário dos terrenos disse-nos ter conhecido as ditas colunas, na parte alta da colina, no chão. Esperamos, depois do estudo minucioso que levamos a cabo, poder colocá-las no que julgamos poder ter sido o seu primitivo lugar. A um e outro lado do templo há um muro curioso, a formar degraus: esse muro está colocado perpendicularmente à parede lateral do «podium», com o qual se articula. Há em Izernore (A. Grenier, *M.^{et} Arch. G.-Romaine*, III, 1.^{er}, Paris, 1958, p. 403) a planta de um templo, com uma disposição semelhante; mas no texto de Grenier não se faz referência àquele pormenor curioso, que julgamos destinado à colocação de oferendas. Existe outro templo no cimo da colina e também em ruínas. É de planta curiosa: um rectângulo com um topo em semicírculo; o outro topo aberto para uma larga escadaria, até há anos revestida por mármore, termina sobre uma via romana, muito bem conservada. Incluídos num semicírculo, os restos muito evidentes de um altar ou

um «podium» largo, para uma estátua da divindade. Entre as várias inscrições por ali aparecidas, há duas dedicadas a Vénus; de entre a pouca estatuária encontrada em volta do mesmo lugar há parte de ambas as pernas e dos pés de uma figura que tem ao lado uma ânfora e sobre ela colocaram roupa: não há dúvida que a estátua era de Vénus. Por este motivo chamamos ruínas do templo de Vénus às que vimos referindo.

Entre as ruínas dos dois templos há restos de construções várias, talvez também ligadas ao culto.

Na encosta voltada a Nascente, à planície alentejana, já descobrimos várias construções romanas; uma larga rua pavimentada, uma escadaria, esgotos, tudo da mesma época. Em uma das casas há um bucrâneo (?) esculpido em um silhar. As escavações, neste lugar, estão longe de serem concluídas.

A colina encimada pelos templos, com uma parte urbanizada a meia encosta, tem a E. e a S. um pequeno vale. Ali construíram um balneário que se encontra bastante bem conservado; tem as divisões clássicas destes estabelecimentos: vestibulo, «apoditerium», «frigidarium», «tepidarium», «laconicum», «caldarium».

Há quatro piscinas; as paredes da área a aquecer são duplas. O pavimento é revestido por mármore, que também se vê em algumas paredes; noutras havia frescos. Destes resta muito pouco, conservado no Museu Municipal. Os motivos são muito simples e vegetais. O balneário tem uma latrina exteriormente. Os canais do balneário para o esgoto das águas, encontram-se em bastante bom estado de conservação. A latrina acima referida abre-se sobre um dos canais de esgoto de duas piscinas.

No seguimento do balneário há um outro edifício, talvez ligado com o balneário; separa-os um peristilo. A cloaca que recebe as águas do balneário passa junto a outra latrina; segue sempre o vale, onde se abre. Pouco adiante, o vale é atravessado por uma ponte, de um vão; é de traça romana.

Até agora não encontrámos nem anfiteatro, nem teatro, mas os peregrinos podiam distrair-se em um circo. É rara esta alternativa.

Porquê um circo em Miróbriga? Se atendermos a que fazia parte do conjunto do santuário, somos leva-

dos a pensar serem ali as corridas de cavalos mais preferidas que as lutas de gladiadores ou de feras. Um dos motivos que levariam ao gosto pelos cavalos devia ter-lhes vindo desde longa data. Só assim se explica a fama que os cavalos lusitanos alcançaram em Roma; não esqueçamos a tradição transmitida por Plínio, de serem as éguas desta parte da Lusitânia fecundadas pelo vento (Plínio, *N. H.*, IV-16) para compreendermos a rapidez que eles alcançavam na corrida.

Cinco cavalos, cada um em seu quadro, um a cada canto, o 5.º ao centro são os assuntos principais de um dos mosaicos da «Villa» romana de Torre de Palma, (Monforte do Alentejo). Os cavalos estão ornamentados; o do centro sobreleva os outros em prosápia, com uma grande faixa decorada a fazer de peitoral. Cada um tem uma tabela ao lado, onde se lê o nome do cavalo. E mais ainda, há dois cavalos com ferro de coudelaria e diferente um do outro: um deles exhibe uma palmeira (a explicação é evidente), o outro um porco. Dissenhamos o Sr. Presidente da Câmara de Monforte e o guarda das ruínas mostraram-nos no campo uma herdade, ao lado da de Torre de Palma, chamada a Herdade do Bácoro. Já seriam estes os nomes das duas propriedades no tempo de Roma! Não esqueçamos ser usada a palavra «Torre» como sinónimo de propriedade agrícola, herdade, v. g., a Torre de Cardilium, em Torres Novas e tantas outras.

A confirmar, de certo modo, esta predilecção pelos cavalos, surgiu na Lusitânia o maior corredor de Roma de todos os tempos: chamava-se Gaio Apuleio Diocles. Começou a sua carreira aos 18 anos e reformou-se aos 40, arrecadando uma larga fortuna feita com os prémios alcançados em 1962 vitórias, tantas elas foram.

A sua vida desportiva foi extraordinária, atestada por duas largas inscrições romanas: uma encontrada em Preneste (Palestrina), outra no lugar do circo do Vaticano.

O professor Garcia y Bellido ocupou-se, há anos deste nosso ilustre compatriota em um estudo erudito, cheio de interesse (sep. da Soc. Port. de Numismática, Porto, 1953). E, no último número da *Revista de Guimarães* (LXXVII, 3-4, 1967, pág. 313-22), o Doutor J. Mendes de Almeida procurou dar uma explicação,

muito plausível, para o cognome «Diocles» usado pelo nosso auriga, em resultado da sua profissão.

Pensamos promover uma homenagem a Gaio Apuleio: erigir no circo lusitano de Miróbriga dos Célticos, um monumento que poderá ser um «agitator» conduzindo os seus cavalos.

Dentro da Arqueologia romana o santuário campestre, romano, de que nos ocupamos tem até agora um lugar único na Península. Há um outro santuário, do mesmo tipo, em Munígua, na Andaluzia; mas não tem, ou ainda não tem, os seus elementos essenciais como o de Miróbriga dos Célticos».

*

Seguidamente o ilustre Professor fez projectar alguns diapositivos coloridos, focando curiosos aspectos das ruínas de Miróbriga, acompanhados de comentários explicativos que interessaram vivamente a assistência.

Encerrando a Sessão, o Sr. Presidente da Câmara pronunciou breves palavras de elogio do Conferente, destacando alguns pormenores da magnífica Lição que acabava de ser escutada com o maior agrado do auditório que ocupava o salão nobre da Instituição.

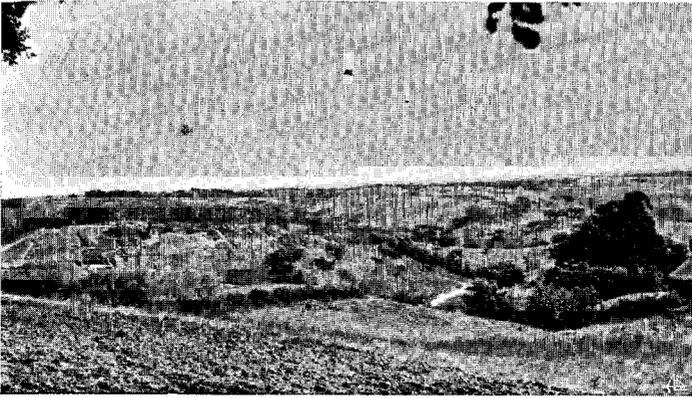


Fig. 1 — *A colina do templo. Em baixo, à direita, troço da via romana.*

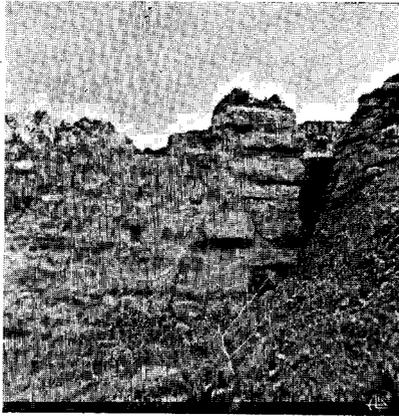


Fig. 2 — *Um dos cunhais do «podium» do templo.*



Fig. 3 — *Uma das escadarias laterais do patamar do templo*

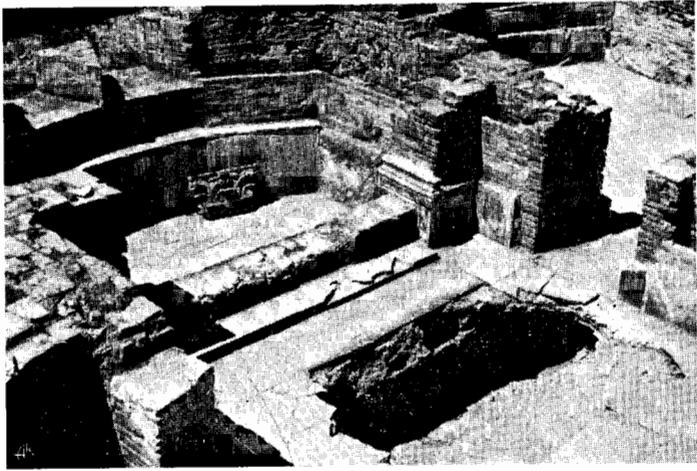


Fig. 4 — *Um aspecto do «caldarium» das termas. Dentro da piscina, um capitel de pilastra que ali foi arrumado.*

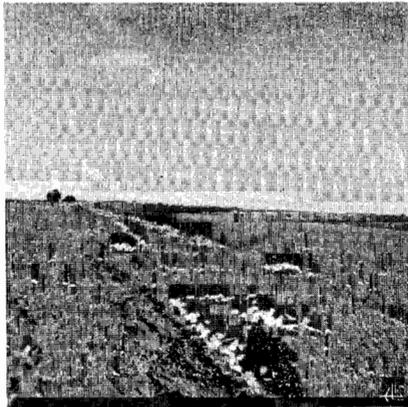


Fig. 5 — *A «Spina» do circo romano.*